



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES
CENTRO DE HUMANIDADES
POLO DE GUARABIRA

LINHA DE PESQUISA:
PODER LOCAL E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

IDENTIDADE QUILOMBOLA: UMA SOCIALIZAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR UMA MORADORA DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALAGOA GRANDE – PB

LÚCIA DE FÁTIMA SANTANA

GUARABIRA – PB
2014

LÚCIA DE FÁTIMA SANTANA

**IDENTIDADE QUILOMBOLA: UMA SOCIALIZAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR UMA MORADORA DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALAGOA GRANDE – PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista, sob a orientação da Ms. Maria Juliana Leopoldino Vilar.

**GUARABIRA – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S231 Santana, Lúcia de Fátima
Identidade Quilombola [manuscrito] : uma Socialização de Experiências Vivenciadas por uma Moradora da Comunidade Quilombola de Alagoa Grande - PB / Lúcia de Fátima Santana. - 2014.
44 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Juliana Leopoldino Vilar, Departamento de Geografia".

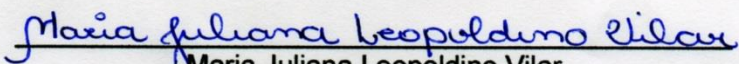
1. Identidade Quilombola. 2. Caiana dos Crioulos. 3. Memória. 4. Experiências de Vida. I. Título.
21. ed. CDD 981.33

LÚCIA DE FÁTIMA SANTANA

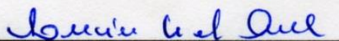
**IDENTIDADE QUILOMBOLA: UMA SOCIALIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS
VIVENCIADAS POR UMA MORADORA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
ALAGOA GRANDE – PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

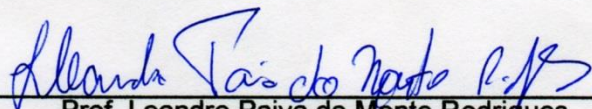
Aprovado em: 19 de julho de 2014.



Maria Juliana Leopoldino Vilar
Especialista em Gestão e Análise Ambiental
Professora do Departamento Geografia da UEPB – Campus III
(PRESIDENTE – ORIENTADORA)



Prof^a. Dr.^a Luciene Vieira de Arruda
1^a Examinadora



Prof. Leandro Paiva de Monte Rodrigues
2^o Examinador

*Dedico este trabalho à cirandeira de Caiana dos Crioulos,
“**Dona**” **Edite**, que não mediu esforços para compartilhar
conosco seu riquíssimo acervo cultural, fazendo com que
pudéssemos entender melhor a vida desse povo quilombola.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primordialmente a **Deus**, sabedoria infinita, pelo dom da vida e por me servir de inspiração para enfrentar as inúmeras pedras dispostas pelo labiríntico percurso que trilhei até aqui, indicando-me as entradas e saídas corretas.

Antes de tecer os agradecimentos às pessoas que deram contribuições decisivas para a pesquisa, desejo registrar minha gratidão a João Santana (*in memoriam*) e **Cecy Francisca de Santana**, meus pais. Essas pessoas, além de me apoiarem durante toda a minha vida, deram-me todo o suporte, material e afetivo, para superar todos os obstáculos impostos pela vida e enveredar no sublime caminho da educação; e com poucos recursos me ajudaram a realizar muitos sonhos.

Agradeço ainda a **Francisco de Assis de Lira Silva**, meu esposo, por ter entendido meus inúmeros momentos de ausência (física e mental) e por ter me dado suporte afetivo e intelectual no decorrer desse trabalho. Como também meu cordial agradecimento a **Edna Lúcia de Santana**, minha irmã, que dedicou algumas horas de seu precioso descanso para me auxiliar na pesquisa e elaboração desta monografia, dando-me uma ajuda significativa.

Finalmente, passo a registrar minha gratidão à coordenadora e líder do Grupo de Ciranda e Coco de Roda de Caiana dos Crioulos, **Edite José da Silva**, com a qual dividi a designação de “sujeito da pesquisa”, que sempre me recebeu com hospitalidade, receptividade e alegria, deixando de lado seus afazeres para ter uma breve “palestra” comigo.

No espaço acadêmico, agradeço à orientadora desta monografia: Prof.^a Espec. **Maria Juliana Vilar**. Durante o cotidiano do trabalho conseguiu em atitude magistral não perder suas características mais marcantes: o rigor, a atenção, o carinho e o incentivo incondicional, além da capacidade de indicar os meios adequados para a melhor tecitura de uma pesquisa.

Além disso, desde o momento que comecei lecionar em Caiana dos Crioulos, sempre contei com o apoio de profissionais comprometidos com o resgate dos saberes da cultura local. Nesse sentido, devo registrar minha gratidão às sugestões, críticas construtivas, empréstimos de materiais e apoio de diversos tipos dados pelas

seguintes pessoas: Prof.^a **Lúcia de Fátima Júlio** e Prof. Dr. **Waldeci Ferreira Chagas**.

Por último, faço o agradecimento institucional por merecer o destaque de finalizar esta sessão de agradecimentos. Deste modo, quero pincelar minha gratidão ao **Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares**, pela oportunidade de participar de mais uma Pós-Graduação, oferecida pela Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, sendo realizada na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

IDENTIDADE QUILOMBOLA: UMA SOCIALIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR UMA MORADORA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALAGOA GRANDE – PB

Autora: LÚCIA DE FÁTIMA SANTANA

Orientadora: Prof^a. Ms. Maria Juliana Vilar - DGH/UEPB

Examinadores: Dr. Luciene Vieira de Arruda

Leandro Paiva de Monte Rodrigues

RESUMO

Caiana dos Crioulos é uma comunidade quilombola remanescente localizada na zona rural do município de Alagoa Grande – PB. É uma comunidade culturalmente rica, onde esta riqueza destaca-se no fazer e no saber dos(as) moradores(as). O presente estudo objetivou compreender, através de relatos orais de uma moradora da comunidade suas experiências vivenciadas enquanto cidadã quilombola. A importância de suas experiências em seu cotidiano e sua história de vida vão mostrar o resgate de preservar sua identidade quilombola. Do ponto de vista metodológico, o estudo esteve alicerçado, principalmente nas técnicas da “História Oral” através de entrevistas com uma moradora da localidade mostrando a socialização de experiências vivenciadas por ela. Essas experiências de vida foram transformadas em literatura de cordel que serão trabalhadas em sala de aula, incentivando a leitura e o conhecimento local. Desse modo, os alunos da escola da localidade poderão fortalecer suas identidades étnico-raciais por meio do estudo da literatura de cordel. Além disso, desenvolverão sua habilidade para leitura e valorizarão suas identidades quilombolas.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Quilombola. Caiana dos Crioulos. Memória. Experiências de vida.

IDENTIDADE QUILOMBOLA: UMA SOCIALIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR UMA MORADORA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALAGOA GRANDE – PB

Autora: LÚCIA DE FÁTIMA SANTANA

Orientadora: Prof^ª. Ms. Maria Juliana Vilar - DGH/UEPB

Examinadores: Dr. Luciene Vieira de Arruda

Leandro Paiva de Monte Rodrigues

ABSTRACT

Caiana of Creoles is a remnant of the maroon community located in the rural municipality of Alagoa Grande - PB. It is a culturally rich community where this wealth stands in the making and the knowing of (the) residents (as). The present study aimed at understanding through oral accounts of a community resident their experiences while maroon citizen. The importance of their experiences in their daily life and their life history will show the rescue of maroon preserve their identity. From a methodological point of view, the study was grounded primarily in the techniques of "Oral History" by interviewing a resident of the locality showing the socialization experiences of it. These life experiences were transformed into musical literature that will be worked on in the classroom, encouraging reading and local knowledge. Thus, students of the school location may strengthen their ethnic and racial identity through the study of musical literature. In addition, they will develop their ability to read and will value their identities Maroons.

KEYWORDS: Identity Quilombo. Caiana of Creoles. Memory. Life experiences.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Edite José da Silva na cozinha da escola onde trabalha como merendeira	24
Figura 2 – Apresentação do grupo de ciranda.....	25
Figura 3 – Símbolos de religiosidade da comunidade	26
Figura 4 – Banda de pífanos	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	13
2.2 HISTÓRIA DE VIDA.....	13
2.3 PESQUISA EMPÍRICA.....	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 O QUE É IDENTIDADE?.....	14
3.2 IDENTIDADE QUILOMBOLA E SUAS CARACTERÍSTICAS	16
3.3 ALAGOA GRANDE E SUA RELAÇÃO COM AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS	19
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CAIANA DOS CRIoulos	21
4.2 CONHECENDO AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR “DONA EDITE”	22
4.3 PROPOSTA DE SOCIALIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE	42

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema surgiu pelo interesse de resgatar a história de um povo quilombola remanescente localizado na zona rural do município de Alagoa Grande – PB. Caiana dos Crioulos é uma das trinta e duas comunidades certificadas até o momento na Paraíba, pela Fundação Cultural Palmares (FCP), órgão pertencente ao Ministério da Cultura, como remanescentes dos antigos quilombos da época da escravidão.

É de relevância para os jovens quilombolas e as gerações futuras conhecerem e valorizarem a cultura, os costumes, as tradições, as crenças e a religiosidade de seus antepassados que são definidos hoje como grupos étnico-raciais por possuírem uma trajetória própria, dotada de relações territoriais específicas, com uma ancestralidade negra relacionada a uma resistência à opressão histórica sofrida.

Na formação do povo brasileiro, desde o início o negro foi visto como um ser inferiorizado e desvalorizado, pois veio da África para trabalhar aqui como escravo. É uma etnia sofrida e discriminada que precisou lutar bravamente contra a situação que o sistema social o impôs e todos os descendentes de sua etnia até hoje precisam lutar para ter seus direitos reconhecidos. É com esse intuito que o presente trabalho foi idealizado com o objetivo de resgatar a história da origem da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos de Alagoa Grande – PB.

A comunidade caianense tem figuras ilustres que carregam em sua história de vida os relatos de lutas travadas para garantir sua cultura preservada. Entre estas personalidades destaca-se “Dona” Edite, uma das moradoras mais antiga e respeitada da localidade e da cidade de Alagoa Grande.

O nosso estudo buscou compreender, por meio de relatos orais da moradora caianense, “Dona” Edite, socializar suas histórias de vida transformadas em literatura de cordel como veículo de informações e conhecimentos, possibilitando uma reflexão sobre a formação desse quilombo e sua importância para seus moradores. Além disso, acrescentando-se a necessidade do despertar de uma consciência cultural e étnico-racial, contribuindo para que cada cidadão assuma sua identidade e a defenda, fazendo com que orgulhem-se de sua descendência étnico-racial.

A literatura de cordel confeccionada ficará disponível na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva da localidade de Caiana dos Crioulos, a qual será trabalhada em sala de aula, incentivando a leitura dos alunos e o conhecimento local de uma forma lúdica e prazerosa de aprenderem e valorizarem suas identidades quilombolas.

Essa discussão das experiências vivenciadas por “Dona” Edite será aprofundada no decorrer das próximas páginas, com o relato de suas histórias de vida: infância, adolescência, vida adulta e velhice.

Logo em seguida, apresentaremos os aspectos metodológicos que permitiram o desenvolvimento do estudo, bem como as categorias que constituíram o seu arcabouço teórico: identidade (BAUMAN, 2005), identidade quilombola (ARRUTI, 2006), o legado do quilombo (LEWIS, 1994).

Na sequência, discutiremos os resultados e as conclusões a que chegamos depois desse trabalho de pesquisa centrado nos relatos orais das histórias vivenciadas pela moradora caianense “Dona” Edite.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo terá como base a pesquisa etnográfica que visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades (SEVERINO, 2007), tomando como referencia as seguintes técnicas de pesquisa:

2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica consistirá no estudo das obras de Lewis (1994) “O legado do quilombo”; Arruti (2006) “O mocambo”; Bauman (2005) “Identidade”; Hall (1999) “A identidade cultural na pós-modernidade”; dentre outras. Além da leitura de artigos acadêmicos e jornalísticos, *sites* sobre a comunidade *locus* citada.

Esses autores supracitados ressaltam as origens e o modo de vida dos quilombos, bem como suas identidades africanas.

2.2 HISTÓRIA DE VIDA

A pesquisa documental analisará a vida de uma moradora do quilombo de Caiana dos Crioulos, onde serão feitas entrevistas com esta moradora para descobrir um pouco de sua vida e de sua história, resgatando sua origem quilombola e sua trajetória de vida até os dias atuais.

2.3 PESQUISA EMPÍRICA

A pesquisa empírica é a possibilidade de maior concretude às argumentações (DEMO, 2000,). Neste trabalho serão realizados livretos com literatura de cordel, confeccionados através das experiências de vida desta moradora. Suas respostas concedidas às entrevistas serão subsídios para a confecção deste poema. Essa obra ficará exposta na escola da comunidade, para que a comunidade escolar e local tenham conhecimento de um pouco da vida desta ilustre moradora e assim compreendam melhor a cultura afro-brasileira.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O QUE É IDENTIDADE?

A identidade é um conjunto de características que identificamos em uma determinada pessoa, tornando-o um sujeito único, resultado de um processo histórico. E não é só o que aparentemente se apresenta como também suas ideias e seus gostos que definem a personalidade do indivíduo.

A identidade exprime a realidade social na qual o sujeito está inserido, pois revela seus costumes, crenças e valores, sendo o lugar um reflexo de suas relações sociais fruto de patrimônios históricos compartilhados entre os sujeitos de uma sociedade, determinando assim valores. A construção da identidade passa por diferentes situações que pode ser apreendida nas manifestações culturais, religiosas, e até mesmo nas condições de vida e trabalho que o sujeito está inserido.

Hall (2001) apresenta três concepções de identidade: Sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo baseava-se na concepção da pessoa humana como totalmente centrada, unificada. Correspondia a uma concepção individualizada e o centro essencial do EU correspondia a sua identidade. Tal concepção é reforçada por Descartes quando este estabeleceu a concepção do sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento.

A concepção sociológica do sujeito afirma que a identidade é formada e modificada na interação entre o sujeito e a sociedade. O sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas é formado com outras pessoas que lhe mediam os valores e símbolos – a cultura(HALL, 2001).

O sujeito pós-moderno é fundado em contradições e paradoxos que o empurra em diferentes direções; dependente das formas como são interpretados e representados nos sistemas culturais; móvel, instável, descentrado, deslocado; histórico e não biológico(HALL, 2001).

De acordo com Hall (2006), no atual contexto mundial, aonde vêm se acentuando os diversos processos relacionados à globalização e à aceleração dos meios de interação humana, as identidades passam a ser significadas,

culturalmente, de formas múltiplas pelos grupos e indivíduos. Nesse contexto: “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13).

Com o avanço da tecnologia e a interdependência econômica e política entre os países, as pessoas estão cada vez mais conectadas e o contato com o outro possibilita um “perigo” na influência das características de um determinado grupo. A partir de um contato com o “novo”, certas práticas e tradições são colocadas em confronto.

No desenvolvimento da globalização a identidade cultural não pode ser vista como algo estático, mas sim, como algo dinâmico onde os sujeitos interagem e como consequência construindo a sua identidade. Segundo Garcinia Canclini (1999), *apud* MOREIRA e CANDAU, (2003) esse contato por sujeitos com características diferentes é o caminho que orienta a formulação, o pensar e o agir construindo identidades.

Do ponto de vista da globalização onde se pretende formar uma grande aldeia global cria-se uma característica de deslocamento das identidades culturais onde é difícil conservar as características locais, pois a mesma é exposta e sofre influência externa.

À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas as influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 1999, p. 74).

As diversas formas de interação dentro da dita grande “rede” global acabam fazendo com que muitos grupos tradicionais passem a se reinventar por meio do contato com o outro, o que vem de fora. O problema é que muitas vezes essa interação acaba fazendo com que as características identitárias mais sólidas de um grupo comecem, aos poucos, a serem substituídas por elementos originários de outra cultura. O que faz com que muitos grupos percam alguns dos seus elos simbólicos mais significativos.

Segundo Bauman (2005), à proporção que nos deparamos com as incertezas e as inseguranças da “modernidade líquida”, nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínua, que vai do perene ao transitório, com todas as angústias para a psique que tal

situação suscita. A identidade se tornou um conceito-chave para o entendimento da natureza em transformação da vida na era da “modernidade líquida”.

Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal-coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados, (BAUMAN, 2005, p.18-19).

No momento de globalização estar em movimento tornou-se algo natural, onde o contato com diferentes culturas faz com que a identidade seja construída e reconstruída de uma forma bem mais rápida, algo que demorava anos para ser socializado hoje é de fácil acesso. A internet possibilita esse contato direto de socialização, em que o sujeito além de “receber” toda uma história construída de uma geração local entra em contato com diferentes culturas de outras localidades, isso é um retrato da vida na contemporaneidade.

3.2. IDENTIDADE QUILOMBOLA E SUAS CARACTERÍSTICAS

A palavra quilombo é originária do idioma africano quimbundo, que significa: “sociedade formada por jovens guerreiros que pertenciam a grupos étnicos desenraizados de suas comunidades” (MOURA, 2006).

Os quilombos são definidos como grupos étnico-raciais, que possuem em sua história uma luta por relações territoriais específicas e resistência a uma opressão construída ao longo do tempo. A identidade quilombola é reflexo de sua forma de organização e com sua maneira de se relacionar com os membros de um grupo, pois suas características são o resultado de fatores de uma ancestralidade comum.

De acordo com Moura (1994, *apud* ARRUTI, 2006, p. 84) o conceito de Quilombo se refere as:

(...) comunidades negras rurais que agrupam descendentes de escravos (que) vivem da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado ancestral. Esse vínculo com o passado foi reificado, foi escolhido pelos habitantes como forma de manter a identidade.

Segundo a observação quilombola do historiador e antropólogo Arruti (2006), uma identidade que não deveria ser definida como racial, mas como étnica, já que a mesma não dependeria da cor de pele e da origem africana.

As comunidades de quilombos se formaram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimentos de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado.

Podemos identificar como características de um quilombo primeiramente sua resistência e luta por autonomia, deixar de ser escravo para construir suas raízes da independência. Isto significa uma luta diária por reconhecimento e valorização de seus valores, usos e costumes, antes oprimidos na condição de escravo.

As comunidades quilombolas são grupos sociais cuja identidade étnica os diferencia do restante da sociedade brasileira; sua identidade é base para sua organização, sua relação com os demais grupos e sua ação política.

Para os quilombolas a questão fundamental que se coloca é a garantia do acesso à terra. A histórica concentração de terras no Brasil atinge diretamente essas comunidades, que possuem uma relação com a terra que vai além de uma mera questão produtiva, visto que a terra para esta comunidade é mais do que um bem econômico, terra e identidade estão intimamente relacionadas.

Os quilombolas criavam grandes laços de sociabilidade no seu cotidiano, reinventando costumes oriundos da África, das culturas nativas e dos colonizadores. Por isso, mais do que pedaços da África no Brasil, onde se procuraria recriar fielmente os laços de união do distante continente natal, tese defendida durante muito tempo por boa parte da historiografia sobre o tema, os quilombos constituíam o que hoje se denomina de cultura afro-brasileira, ou seja, nos quilombos, características tradicionais das culturas africanas foram ressignificadas e somadas a elementos do contexto vivido por cada um daqueles sujeitos (REIS; GOMES, 1996).

Uma grande dificuldade nos dias atuais é preservar as características de uma comunidade quilombola, pois os membros desse grupo sofrem influências culturais e comportamentais de outras culturas e aquilo que é resultado de um processo histórico vai se perdendo por falta de preservação das memórias locais. A definição e autoafirmação como comunidade quilombola precisa partir dos próprios integrantes dessa comunidade que devem lutar para proteger sua identidade e sua história.

A Constituição Federal de 1988 garante:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

A definição e autoafirmação como comunidade quilombola precisa partir dos próprios integrantes dessa comunidade que devem lutar para proteger sua identidade e sua história.

Existem atualmente no território brasileiro mais de 3.500 comunidades remanescentes de Quilombo. Destas, 1.200 já detêm o título concedido pela Fundação Cultural Palmares que os reconhecem como remanescentes de quilombos. No entanto somente 112 comunidades até o momento possuem o título de posse de seus territórios. Só a partir da Constituição Federal de 1988, no artigo constitucional nº 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT – é que o reconhecimento destes remanescentes de Quilombos e seus direitos começaram a ser pautados por políticas públicas de forma mais concreta. A região brasileira que conta com o maior número de comunidades quilombolas é a região Nordeste com 61% das comunidades quilombolas do Brasil, seguida da região Norte com 15%, Sudeste com 5% e Sul com 6% (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2009).

Conforme menciona Lewis (1994), desde o século XVI, os negros foram trazidos da África para o Brasil à força em navios negreiros. Chegando aqui, eles foram forçados a trabalhar na lavoura de cana, de algodão, de café, na mineração, nos serviços domésticos, nas construções de prédios e ruas durante quinze ou mais horas por dia, sem direito a nenhuma remuneração. Em troca desse trabalho, os negros foram tratados como animais e viviam aglomerados em senzalas, sendo propriedades do senhor de escravo.

A situação dos negros no Brasil era subumana. É surpreendente que os negros brasileiros tenham sido capazes de resistir aos preconceitos e às condições de vida precárias. *“Em situação de desvantagem é ainda mais surpreendente que um bom número de negros tenha superado as adversidades, destacando-se em*

atividades profissionais, esportivas, artísticas, políticas e intelectuais” (LEWIS, 1994, p. 19).

Mesmo sendo discriminados no tempo da escravidão, os negros encontraram meios de se reunirem através das atividades do candomblé, capoeira, música e dança para manter viva suas tradições, sua cultura, valorizando-se como indivíduos, como povo, como etnia.

Então, é difícil encontrarmos uma comunidade que diga ‘eu sou quilombola’. Só quando há autoconhecimento, autodiscussão com o movimento negro, quando há um trabalho de base – aí sim você vai encontrar. Mas numa comunidade que nunca foi visitada, que seja pouco acessível ou pouco conhecida, jamais vai dizer que lá é um quilombo (ARRUTI, 2006, p. 83).

3.3 ALAGOA GRANDE - PB E SUA RELAÇÃO COM AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Alagoa Grande é um município brasileiro do estado da Paraíba, localizado na microrregião do Brejo Paraibano. De acordo com o censo realizado pelo IBGE no ano 2010 sua população é de 28.482 habitantes distribuídas numa área territorial de 320,558 km².

Como cidade da região do brejo paraibano, fica entre o Litoral e o Sertão, situada na encosta da Serra da Borborema. Era parte integrante do município de Areia até meados do século XIX, quando se tornou independente como cidade.

Em 2013 completou 147 anos e por ser uma cidade histórica exibe em seu centro casarões que ainda hoje testemunham esse momento de grandeza econômica que herdou desde o século XIX, através da agricultura baseada na cana-de-açúcar utilizando intensivamente a mão-de-obra escrava. Alguns desses casarões, que aparecem em frente à praça central e a matriz centenária da cidade, são cobertos por azulejos importados de Portugal no século XIX.

Ao longo da segunda metade do século XX a, cidade se estagnou economicamente e a população, ao invés de aumentar, diminui, principalmente por causa do êxodo para as grandes cidades. Alagoa Grande tem um grande potencial

turístico que pode ser economicamente explorado, destacando tanto o turismo histórico quanto o rural e ecológico.

Inicialmente a data de emancipação da cidade era considerada como o dia 27 de março de 1908. O historiador Freire (1996) baseado em pesquisas peculiares informou que a verdadeira data de emancipação de Alagoa Grande aconteceu no dia 26 de julho de 1865. Ele se baseia em leis que criaram a comarca local, já que não se pode criar comarca antes de existir a cidade.

No município de Alagoa Grande há três comunidades quilombolas: a comunidade de Escuta, a comunidade de Vertente e a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, objeto de estudo na presente pesquisa.

A comunidade de Escuta está localizada na zona rural do município de Alagoa Grande. A escola da comunidade é denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental São João. Este sítio fica próximo ao Distrito de Zumbi e quando os alunos completam o 5º Ano do ensino fundamental vão completar a 2ª fase do ensino fundamental na escola de Zumbi. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) reconhece esta escola como quilombola, mas a Fundação Cultural Palmares (FCP) ainda não reconhece Escuta como comunidade quilombola.

O Sítio Vertente é uma localidade da zona rural que fica a 12km de Alagoa Grande-PB foi sede da primeira igreja evangélica Assembleia de Deus. A escola da comunidade é denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental São José. De acordo com o censo de 2013 a escola tem cerca de 20 alunos, funcionando apenas um horário com turmas multisseriadas. O MEC reconhece esta escola como quilombola, mas a FCP ainda não reconhece Vertente como comunidade quilombola.

Pouco se pode relatar sobre essas comunidades de Escuta e Vertente devido a ausência de material teórico sobre as mesmas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CAIANA DOS CRIoulos

Caiana é uma comunidade quilombola localizada no município de Alagoa Grande, sendo nacionalmente reconhecida como um dos 35 legítimos quilombos paraibanos.

O acesso à Caiana dos Crioulos é feito através da BR 101 que sai de João Pessoa em direção a Natal, seguindo posteriormente pela BR 230 em direção à Campina Grande. Esta comunidade fica a 12 km do centro da cidade de Alagoa Grande. A estrada que dá acesso à Caiana dos Crioulos não é pavimentada e foi construída entre os anos de 1948 e 1950. O contato entre a população de Alagoa Grande com Caiana sempre foi limitado, só se intensificando na década de 70 com a reforma da estrada.

Em Caiana se conta que os primeiros habitantes teriam vindo no século XVIII do município de Mamanguape, embrenhando-se pelo interior acompanhando o curso do rio Mamanguape, que passa pela cidade de Alagoa Grande. Isso após uma rebelião ocorrida logo ao desembarque de um navio negreiro que aportou na Baía da Traição, cuja tripulação estava destinada a atender os engenhos da Várzea paraibana (FIALHO, 1998).

Outra narrativa afirma que os negros de Caiana se fixaram nesse trecho de serra quando a campanha abolicionista de Areia, localizada próxima a Alagoa Grande, facilitou a fuga e a libertação espontânea de muitos escravos. Ainda se fala também que a origem desta comunidade é dada pela chegada dos negros em Alagoa Grande que fugiram do massacre do quilombo de Palmares, o que justificaria a existência da localidade denominada Zumbi nas proximidades de Alagoa Grande.

Caiana dos Crioulos está localizada em uma área de serra nos piemontes da Borborema e as casas encontram-se de forma dispersa no território de relevo ondulado e fortemente ondulado, e sem um arruamento definido. Esse tipo de

topografia releva uma estratégia de defesa utilizada pelos quilombos no período colonial que se utilizavam, geralmente de lugares afastados dos centros urbanos, de difícil acesso, com solo fértil e disponibilidade de água. Nesse caso, as áreas mais altas serviram como ponto de vigilância, visando a defesa do território, local ideal para abrigar esse povo refugiado.

A origem do nome da comunidade Caiana dos Crioulos está ligada à cana-caiana, variedade de cana-de-açúcar. Até 1970 a região era conhecida como Sítio Caiana, recebendo naquela época o complemento “dos Crioulos”. Na década de 1980 a comunidade foi dividida entre Caiana dos Crioulos e Caiana do Agreste, criando-se duas associações de moradores, objetivando aumentar a representatividade local diante das questões políticas de Alagoa Grande. Com o passar do tempo, essa divisão política foi se tornando uma divisão territorial, e atualmente só Caiana dos Crioulos é reconhecida como remanescente quilombola, enquanto que Caiana do Agreste ficou isenta desta certificação.

Sua população, de acordo com os dados do INCRA, estimada em 1.500 indivíduos, distribuídos em 405 famílias (INCRA – 2005). A organização familiar é basicamente nuclear e é comum um grande número de filhos. Apesar de hoje em dia existir a presença de algumas famílias fazendo parte da comunidade de Caiana, uma importante referência para identidade do grupo é a relação de parentescos existentes entres seus membros.

A agricultura é a principal atividade econômica da comunidade, seja em plantio de subsistência, seja trabalhando em usinas de outros municípios. As culturas mais comuns são: milho, feijão, fava, mandioca e abacaxi.

Fala-se que no passado Caiana chegou a ter por volta de 2000 habitantes. Seus instrumentos, suas músicas, suas danças e costumes ainda guardam muito de sua cultura e história. Os gêneros musicais como coco e a ciranda são ainda importantes manifestações culturais do lugar.

Dentre tantas personalidades caianenses, pode-se dizer que Dona Edite é uma das principais referências culturais da comunidade, sendo Caiana um dos principais patrimônios culturais da Paraíba.

4.2 CONHECENDO AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR UMA QUILOMBOLA

Edite José da Silva, mais conhecida como “Dona” Edite, é uma pessoa muito respeitada em Caiana dos Crioulos e no município de Alagoa Grande. Nasceu no dia oito de outubro de mil novecentos e quarenta e quatro, no momento está com sessenta e nove anos. Filha caçula do casal José Antônio Paulo e Maria Ana da Conceição, juntos tiveram vinte e quatro filhos, criando-se apenas nove filhos, todos trabalhavam com os pais na agricultura e a caçula pastoreava o gado.

“Dona” Edite nos contou que teve uma infância maravilhosa, que adorava brincar com seus primos de várias brincadeiras, como: roda, ciranda, toca, peteca, entre outras. *“Comecei dançar ciranda desde o ventre de minha mãe”* relata a quilombola. Antigamente a ciranda era o divertimento daquela comunidade nas noites de festas, só depois que passou a ser divulgada e apresentada em outras localidades como acervo cultural de Caiana dos Crioulos.

Teve uma juventude bastante recatada, pois as moças de sua época não eram permitidas mostrar o joelho, andar sozinha, nem namorar sem o consentimento do pai. Quando um rapaz se interessava por uma moça, a moça falava para a mãe e a mãe comunicava ao pai, se o pai concordasse o rapaz viria conversar com o pai, enquanto isso a moça ficava na cozinha conversando com as amigas da redondeza. Se o namoro desse certo o rapaz e o pai da moça acertavam a data do casamento. Era tradição na comunidade, na sexta-feira, véspera do dia do casamento, algumas colegas da noiva iam arrumar a casa dos noivos. Chegando lá, entravam com um quilo de sal e um quadro do coração de Jesus e do coração de Maria, esses eram os primeiros objetos que podiam entrar na casa. Na véspera do casamento as testemunhas iam para a casa da noiva e de uma hora da madrugada saíam em comitiva em destino à casa de algum conhecido em Alagoa Grande, levando consigo um animal que transportava as malas com a arrumação dos noivos.

Ao retornarem a casa dos pais da noiva, alguém gritava dando as boas vindas: Viva os noivos, Senhor! E duas pessoas jogavam nos noivos arroz, flor ou folha de laranjeira, enquanto isso, os pais estavam sentados na sala esperando os noivos que se ajoelhavam para serem abençoados. Em seguida a noiva sentava na cama e os convidados iam parabenizá-la e o noivo ficava com os convidados lá fora. A festa seguia até o nascer do sol, depois que o sol saía, as testemunhas e alguns convidados levavam os noivos para casa e chegando lá, o noivo tirava o véu e a capela da noiva, iniciando-se daí uma nova vida.

“Dona” Edite é casada com “Seu” Mané Preto desde os dezoito anos. Teve vinte e três gestações, das quais sobreviveram apenas onze filhos. A maioria de sua descendência mora atualmente no Rio de Janeiro, exercendo funções como: pedreiro, ajudante de pedreiro, carpinteiro, entre outras. Os que não estão no Rio, moram ainda em Caiana dos Crioulos, trabalhando na agricultura ou como pedreiro. Sendo hoje uma das moradoras mais antigas de Caiana, “Dona” Edite exerceu a função de parteira, tendo feito mais de trinta partos, herdando este ofício de sua mãe, que foi uma das principais parteiras do passado dessa comunidade. Atualmente com sessenta e nove anos, “Dona” Edite é aposentada como agricultora e trabalha há trinta anos na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva (escola da localidade), exercendo as atividades de serviços gerais e merendeira da escola.



Figura 1: Edite José da Silva na cozinha da escola onde trabalha como merendeira
Fonte: arquivo pessoal da autora/2014.

Seu cotidiano é assoberbado. Acorda por volta de quatro e meia da manhã, prepara seu café e do seu marido que está cego, arruma as coisas da casa, cuida dos seus bichos (galinhas, perus, porcos, etc.), trabalha no roçado de casa durante o inverno e segue a pé para a escola, onde chega às seis e meia da manhã. Lá além das atividades de serviços gerais e merendeira, ela ainda vende cocadas e dindins preparados por ela mesma. Depois do almoço e de ter passado toda a tarde no trabalho da escola, “Dona” Edite retorna à casa às dezessete horas e revê “Seu”

Mané Preto, dois solteiros que ainda moram com ela e noras e netos que, de vez em quando, se encontram em sua casa. Prepara o jantar da família e mais de cem dindins e cocadas que serão vendidos no dia seguinte. Depois do jantar, conversa com seus familiares, assiste um pouco de televisão e vai dormir.

Nos sábados de manhã, ela é responsável pela feira da casa e no restante do fim de semana ela fica em casa com a família. Uma vez por mês tem missa na capela da comunidade ou reunião do grupo de mulheres negras, fazendo com que nesses dias ela se ausente de casa. Sendo coordenadora do grupo de cirandeiras da comunidade, ela tem seu cotidiano alterado quando recebe convites para fazer suas apresentações que pode ter como origem um destino próximo ou distante.



Figura 2: Apresentação do grupo de ciranda.

Fonte: arquivo da autora/2014.

“Dona” Edite, além de líder do grupo, também exerce a função do “mestre cirandeiro”, que tradicionalmente é exercida por um homem. Isso veio em decorrência da morte do antigo mestre da comunidade e como não surgiu outro substituto, coube a “Dona” Edite reinventar a forma como a ciranda é tradicionalmente organizada e assumir esse papel. “Dona” Edite é uma das principais responsáveis pela continuidade dessa manifestação tão rica dessa comunidade e ela luta arduamente para que a mesma não chegue ao seu fim.

Como antigamente os habitantes da comunidade não tinham contato com meios de entretenimento como a televisão e o rádio, cabia a eles mesmos criarem suas formas de diversão, daí surgiu a brincadeira da ciranda e do coco de roda.

Estas manifestações, ainda hoje são praticadas juntamente a festejos e manifestações de tradições católicas, como a festa dos santos (dia de Nossa Senhora da Conceição – 8 de dezembro, dia de Santa Luzia – 13 de dezembro, homenagem ao Menino Deus – 25 de dezembro, dia de Santo Antônio – 13 de Junho e dia de São João – 24 de Junho).



Figura 3: Símbolos da religiosidade da comunidade.
Fonte: arquivo pessoal da autora, 2014.

As festas em Caiana dos Crioulos são vivenciadas através das festas dos santos católicos e dos festejos relacionados ao nascimento, batismo e casamento, motivo para realização da ciranda e do forró que acontecem nos quintais das casas.

A ciranda e os “cocos”, que muitas vezes se confundiam entre si, são muito mais do que danças e envolvem ritmo, poesia ludicidade, representações dos sujeitos com relação ao mundo e sua interação entre os dançantes e o coletivo. A ciranda é uma dança desenvolvida por mulheres, homens e crianças. Na apresentação cultural os dançarinos formam uma grande roda e dão passos para fora e para dentro do círculo, ao som de uma música puxada pelo mestre-cirandeiro e respondida por todos os participantes. Um exemplo de ciranda é A lavandeira, apresentada pelas cirandeiras de Caiana dos Crioulos.

No entanto, o coco de roda é descrito como uma dança de roda ou de fileiras mistas onde há uma linha melódica cantada em solo pelo “tirador” ou “coquista”, como refrão respondido pelos dançadores. Um exemplo de coco é Rosa Roseira, também cantada e dançada pelas cirandeiras de Caiana.

Em um dos seus relatos, “Dona” Edite mostrou a preocupação de algumas tradições de sua época mais antiga que hoje estão caindo no esquecimento, ou em outro caso estão sendo substituídas por outras culturas vindas de fora ou até mesmo pelo modernismo. A banda de Pífano que tinha como fundador Firmo Santino da Silva, pouco tempo após sua morte foi extinta, algumas tradições religiosas como a procissão dos santos homenageados e os terços quinzenais já não fazem mais, a comitiva de casamento que antes ia a pé à cidade hoje foi substituída pelo automóvel, os fogos que a comunidade soltava quando nascia uma criança em casa já não se usa mais pelo fato de nascer na cidade e demorar um ou dois dias para chegar em casa, a ciranda e o coco pouco estão aparecendo nas festas locais, sendo substituídos por outros ritmos de fora, como: forró, músicas eletrônicas, funk, hap, etc.

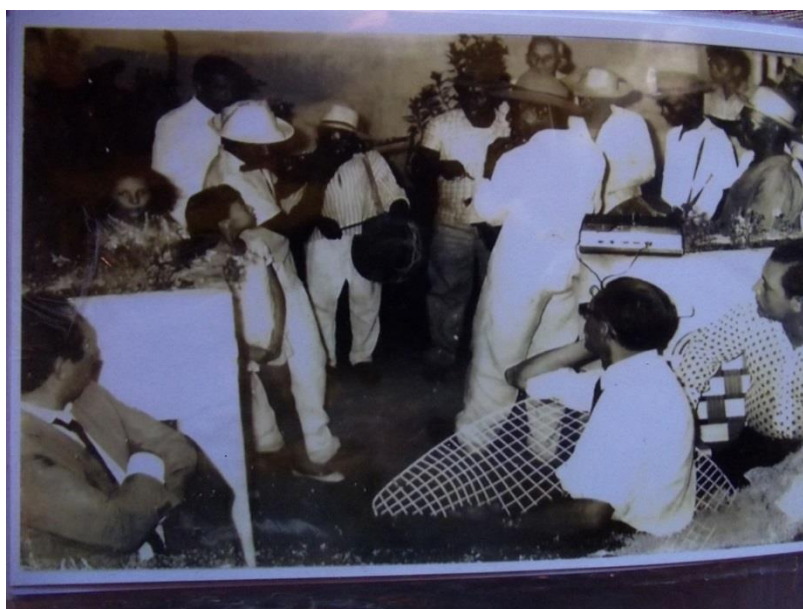


Figura 4: Banda de pífano.
Fonte: arquivo pessoal da autora/2014.

4.3 PROPOSTA DE SOCIALIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel consiste numa arte poética que retrata as raízes nordestinas e, ao mesmo tempo, retrata a realidade e a ficção. Os temas abordados envolvem desde a ficção até temas de cunho social, discutidos pela sociedade. Entre eles, podemos destacar: histórias de amor e aventuras (heroísmo), histórias fantásticas, biografias, fome, violência, acontecimentos políticos, assassinatos de pessoas famosas (Getúlio Vargas e Tancredo Neves), problemáticas sociais, etc. Entretanto, se destacam os temas relacionados à cultura nordestina, tais como: costumes, a religião (fazendo alusão a Padre Cícero e Frei Damião), cangaço (fazendo referência a Lampião), etc. (SILVA, *et al*, 2010, p.7).

O cordel tornou-se uma fonte de informação sobre a cultura nordestina onde se encontram diferentes situações que retratam a realidade do cotidiano em sociedade. A proposta de usar o cordel como recurso didático nas salas de aula da comunidade é uma alternativa de socialização das características da identidade cultural de uma moradora que construiu ao longo do tempo sua identidade quilombola.

O cordel foi construído tomando como base todo relato da entrevista cedida pela moradora exprimindo suas características culturais, religiosas, familiar e seus diferentes papéis desempenhados na comunidade. Eis a seguir a proposta:

EDITE JOSÉ DA SILVA,

Doravante “DONA EDITE”

Respeitada e estimada

Quando uma opinião emite

Como mulher alagoagrandense

Como quilombola, convence

Palavra de “DONA EDITE”

Ela e vinte e três irmãos

Nasceram da união

De JOSÉ ANTÔNIO PAULO

E ANA MARIA DA CONCEIÇÃO

Nasceu em quarenta e quatro

Caçula dos vinte e quatro

“Ponta de rama” dum filão

Dentre ela e seus irmãos

Apenas escaparam nove

Ela pastoreava o gado

Sua história comove

Seus causos e suas potocas

Rodava ao luar e brincava de toca

Diz que “a esperança não morre”

“No ventre da minha mãe

Comecei dançar ciranda

Era uma coisa uterina

Com o tutucar da banda”

Lugar de moça era a cozinha

Jovem, nunca andei sozinha

Era assim “que tocava a banda”

Pra começar um namoro

Era um trovejo danado

A moça dizia à mãe

E o pai era avisado
Então se o pai concordasse
E com o rapaz conversasse
Tinha a entrosa começado

No dia dessa entrosa
A moça com as amigas
Numa fofoca danada
Ficavam ali na cozinha
Se o namoro desse certo
Com o tempo e os pais por perto
Se casaria a mocinha

Sexta-feira era sempre véspera
Do dia de casamento
Pra alguns amigos da noiva
Era chegado o momento
De cumprir uma tradição
Era um quilo de sal na mão
E dois quadros de santos, bentos

Era o CORAÇÃO DE JESUS
E o CORAÇÃO DE MARIA
Eram os primeiros objetos
Que na casa dos noivos entrariam
Na véspera do casamento
As testemunhas em tempo
À casa dos pais dos noivos viriam

Era “UMA” da madrugada
E se tinha por ensino
Ir pra casa dum conhecido
A comitiva tomava destino
Pra ALAGOA GRANDE, e o enxoval
Ia em lombo de animal
Era como um auto divino

De volta à casa dos pais da noiva
Ali pessoas gritavam
Viva o noivo! Viva a noiva!
E neles, ali jogavam
Folhas ou flores de laranjeira
Na sala, os pais em cadeiras
E os noivos se ajoelhavam

Abençoados os noivos
Na cama a noiva sentava
Pra receber parabéns
E o noivo se retirava
Pra ficar com os convidados
O sol nascente havia chegado
O primeiro capítulo terminara

Casada com “Seu” MANÉ PRETO
“DONA EDITE” logo foi mãe
Teve vinte e três gestações
Escapou um time: onze filhos
Foi com leite, carne e milho

“DONA EDITE” é super mãe!

Tem filhos que estão aqui
Tem filhos no RIO DE JANEIRO
São pedreiros, carpinteiros
Ajudantes de pedreiros
Uns trabalham na agricultura
Isto é próprio da cultura
Desses crioulos guerreiros

“DONA EDITE” foi parteira
Fez pra mais de trinta partos
Herdou o ofício da mãe
“DONA EDITE” existe de fato!
Aposentou-se como agricultora
Mas há três décadas é servidora
Num outro emprego de fato

Danada de trabalhadora
Trabalha de Merendeira
Vende cocada e din-din
Na ESCOLA da ribeira
E.M.E.I.E. F “FIRMO SANTINO DA SILVA”
E também ela tem “SILVA”
“DONA EDITE”, a cirandeira

Realmente seu dia a dia
É um tanto conturbado
Quatro e meia da manhã

O café já preparado
Já que o marido é cego
Bate o pé e diz “não nego”
MANÉ PRETO é meu amado

Cuida de um criatório
De porcos, perus e galinhas
Da mandioca da roça
Vez por outra faz farinha
Na ESCOLA, é merendeira
Cantarola “MULHER RENDEIRA”
Ouve-se o vibrato na cozinha

Pelas dezessete horas
Com o sol já no ocaso
O dia já alquebrado
Nada ocorre por acaso
Vai “DONA EDITE” pra casa
Rápida, como se tivesse asas
E pra seus sonhos dá azo

Encontra “Seu” MANÉ PRETO
E dois filhos que com ela moram
Às vezes ali se encontra
Também com netos e noras
Tem cocadas pra aprontar
Prepara e serve o jantar
Ela sabe e faz à hora

No sábado, pela manhã
Faz a feira na cidade
No resto do fim de semana
Fica na intimidade
Com os seus familiares
Que ligam seus celulares
“*On line*” toda irmandade

Na capela da comunidade
Uma vez por mês tem missa
Ou reunião das mulheres negras
E pra que se faça justiça
“DONA EDITE” sai de casa
Segredo com ela não vasa
É negra insubmissa

Do bloco de cirandeiras
Ela é coordenadora
Seu cotidiano se altera
Enquanto apresentadora
Canta, dança e rodopia
Atinge as raias da magia
Se dum evento é promotora

Além de líder de grupo
Ela quebra preconceito
Faz função de “MESTRE CIRANDEIRO”
Pra tudo precisa peito
Pra não deixar a ciranda ao léo

Com a morte do “MESTRE”, o seu papel
“DONA EDITE” faz hoje, com efeito

“DONA EDITE”, uma das principais
Responsáveis pela comunidade
Por uma manifestação tão rica
Luta pela continuidade
Que a ciranda não tenha fim
Roga aos anjos e querumbins
Chegar à posteridade

Nos tempos idos, passados
Sem rádio e televisão
Quilombolas tinham por herança
Sua própria diversão
Pífano, zabumba e banda
Coco-de-roda e ciranda
Folgedos, comidas e canção

As datas em que são praticadas
Tais formas de diversão
São oito, treze e vinte cinco
De dezembro, quando então
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
SANTA LUZIA e JESUS nosso guardião
São focos da comemoração

SANTO ANTONIO, casamenteiro
Festeja-se em treze de junho

E Senhor SÃO JOÃO BATISTA

No dia vinte quatro de junho

Há festejos nos casamentos

Nos batismos e nascimentos

Com registro e testemunho

A ciranda e os cocos

São muito mais do que danças

Contêm ritmo e ludicidade

Mulheres homens e crianças

Os dançantes e o coletivo

São eventos interativos

Dão vigor e esperança

Para se dançar ciranda

Forma-se um grande círculo

Quem dança, então dá passos

Pra dentro e fora do círculo

À canção do MESTRE-CIRANDEIRO

Os dançantes respondem por inteiro

É um dueto no círculo

O coco-de-roda é

Dança de roda ou de fileiras mistas

Com um “tirador”, “cantador”

Que chamam também de “coquista”

O canto tem ida e volta

Respondem o refrão de volta

Os dançarinos em vista

Um exemplo de ciranda
Em CAIANA, é a “LAVANDEIRA”
E um exemplo de “coco”
É ali “ROSA ROSEIRA”
“DONA EDITE” não queria
Mas, falou da nostalgia
Que atinge as cirandeiras

Diz que algumas tradições
Marcham pra o esquecimento
Aparecem outros hábitos
Que vêm de fora pra dentro
Quando “Seu” FIRMO morreu
A bandinha arrefeceu
Essas coisa eu não aguento!

Procissão de SANTO homenageado
E os terços quinzenais
Com esse “modernismo” todo
Quase que não se faz mais
A COMITIVA DE CASAMENTO
Que ia a pé e de jumento
Pra cidade não vai mais

É tudo de “astromóvel”
O ronco das motos na serra
Foguetório na CAIANA
É outra coisa que se encerra
As crianças não nascem mais aqui

Nascem fora e para vir
São dois dias pra chegar à serra

A ciranda e o coco-de-roda
Vão rareando nas festas locais
Eis que os ritmos de fora
Entraram e não saíram mais
Forró eletrônico, funk e rap
JACKSON DO PANDEIRO não merece
S.O.S! Acudam CAIANA, nos seus “ais”!

“AMA A TERRA EM QUE NASCESTES”
Que não há terra melhor
LAGOA GRANDE de ontem; ALAGOA GRANDE de hoje
Antigo “SERTÃO DO PAÓ”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caiana dos Crioulos, como uma comunidade remanescente de quilombo, constitui-se como um espaço riquíssimo em experiências humanas.

Através das brincadeiras da “ciranda” e do “coco”, os moradores de Caiana dos Crioulos faz nascer momentos de união entre várias gerações e sexos, entre familiares, amigos, colegas e desconhecidos. É uma cultura de um povo onde seus moradores lutam para permanecer viva de geração em geração. Uma batalhadora incessante nesta luta é “Dona” Edite que sendo uma das moradoras mais antiga da localidade é um verdadeiro exemplo de respeito e coragem.

Suas experiências de vida mostram uma mulher batalhadora (como as demais mulheres da comunidade). Se divide em várias funções: dona de casa, agricultora, auxiliar de serviços gerais, merendeira, cirandeira, coordenadora e líder do grupo de ciranda da comunidade. Além disso ainda exerce a função do mestre-cirandeiro do grupo de ciranda em que atua. Ela ainda é compositora e cantora de várias músicas da ciranda e do coco de roda.

É uma mulher extraordinária e leva a cultura de seu povo para diversas localidades onde é convidada para se apresentar com seu grupo.

Sua história de vida é riquíssima e é de grande relevância que se torne conhecida não só pelos moradores de sua localidade, mas também, por toda a comunidade alagoagrandense e adjacentes. Suas experiências mostram como vive ou sobrevive qualquer cidadão quilombola que apesar do preconceito e do racismo luta diariamente para conservar sua identidade quilombola.

A literatura de cordel, através de suas experiências de vida, vem mostrar a riqueza cultural de um povo que sente a necessidade de fazer com que cada cidadão assuma sua identidade e a defenda, orgulhando-se de sua descendência étnico-racial.

Nesse contexto, os folcloristas defendiam a preservação de certas práticas e tradições, e no presente trabalho, cremos que alcançamos uma parte desse objetivo, posto que efetuamos um relato, onde garante-se, de pronto, a conservação do relato

escrito de uma pessoa que não apenas querida, mas também importante para a memória de uma comunidade, de uma cidade, e de nossa própria história.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo W. B. de. Quilombos: Sematologia face a novas identidades. In: **Frechal Terra de Preto: Quilombo reconhecido como Reserva Extrativista**. São Luís: SMDDH / CCN – PVN, 1997.

ARRUTI, José Maurício Paiva Andion. **Mocambo: Antropologia e História do processo de formação quilombola**. Bauru: EDUSC, 2006.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BOUGNOX, D. **Introdução às ciências da comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Manoela Carneiro. **Antropologia do Brasil: Mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense & EDUSP, 1986.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: aspectos econômicos e fatos outros da sua história**. João Pessoa: Idéia, 1996

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **A identidade cultural na pós- modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. 13 p.

LEWIS, Isaac Warden. **O legado do quilombo**. Manaus: UA, 1994.

LUIZ, Janailson Macêdo. **“Arrocha o Bumba Negada”: Cotidiano, Tradição e Memórias das Cirandeiras de Caiana dos Crioulos**. Campina Grande, 2010.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação Escolar e Cultura(as): construindo caminhos. **Site Scielo**. Publicação Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23, fls. 156-168. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11.pdf>>. Consulta em: 06/06/2014.

MOURA, G. Quilombos contemporâneos no Brasil. In: CHAVES, R., SECCO, C., MACEDO, T. **Brasil/África: como se o mar fosse mentira**. São Paulo: Ed. Unesp. Luanda/Angola: Chá de Caninde, 2006.

PINTO, Tales dos Santos. Identidade Cultural. **Site Mundo Educação**. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/historiadobrasil/a-identidade-nacao-brasileira.htm>> Data de Acesso: 06/ 11/ 2013.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (org.). **Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Hérica Clarice Borges de. *Et al. Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade* Universidade Federal da Grande Dourados. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 303-322, jan./jun. 2010.

TRECCANI, Girolamo. **Terras de Quilombo: caminhos e entraves do processo de titulação**. Belém: Programa Raízes, 2006.

SITES CONSULTADOS:

PORTAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALAGOA GRANDE – Portal da Transparência, 08/ 11/ 2013 8:30.

[http: // revistaafricas. com](http://revistaafricas.com). Br. 08/ 11/ 2013, 20:00hs.

[http: // www. Koinonia... p/ pop – ensaio 15. htm](http://www.Koinonia...p/pop-ensaio15.htm) – 21:00hs.

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

QUESTIONÁRIO-BASE PARA A ENTREVISTA

- Qual o seu nome completo?
- Qual a data do seu nascimento?
- Qual o nome de seus pais?
- Seus pais nasceram e se criaram aqui em Caiana dos Crioulos?
- Quantos filhos seus pais tiveram?
- Qual a sua posição diante de toda essa prole?
- Quando criança, o que fazia para ajudar seus pais na roça?
- Como foi a sua infância? E de que vocês brincavam?
- Nessa época a comunidade era mais povoada do que atualmente?
- Como foi sua juventude?
- A senhora teve muitos pretendentes?
- Quando um rapaz se interessava por uma moça, o que fazia?
- Quais os primeiros objetos a entrarem na casa dos noivos?
- Como a senhora conheceu seu marido?
- Vocês decidiram logo se casar?
- Como foi a festa do casamento?
- Com que idade a senhora se casou?
- A senhora teve quantos filhos?
- Quantos filhos ainda estão vivos?
- Quantos ainda moram aqui na comunidade?
- Quantos moram fora?
- Quais são as profissões deles?
- A senhora sempre tem contato com seus filhos que moram fora?

- Desde quando a senhora mora naquela casa?
- Esta casa ainda existe?
- Por que a senhora não faz mais partos?
- Qual é a profissão da senhora?
- A senhora participou do processo de busca de reconhecimento da comunidade como comunidade quilombola?
- Desde quando a senhora dança ciranda?
- Quais as suas funções no grupo de cirandeiras?
- Como surgiu a ideia de formar o grupo?
- Quais as diferenças entre a ciranda e o coco de roda?
- Quais os lugares que a senhora já viajou com o grupo de cirandeiras?
- Em que ocasiões o grupo se apresenta aqui na comunidade?
- Como a senhora se sente participando do grupo?
- Quais são os principais santos cultuados aqui na comunidade?
- Quando ocorrem as principais festas destes santos?
- Como são estas festas? O que acontece nelas?
- Antigamente participavam mais pessoas destas festas?
- O povo aqui da comunidade era mais religioso antigamente ou continua a mesma coisa?
- Tem alguma dessas tradições que era comum antigamente e que hoje já não existe mais?
- De modo geral , o que existia antes na comunidade que hoje já não existe mais?
- O que mudou na comunidade desde que ela foi reconhecida como Quilombo?
- Antigamente o povo daqui de Caiana dos Crioulos se identificava como quilombola?
- Existe ou existia preconceito por parte do povo de Alagoa Grande com os moradores de Caiana dos Crioulos?
- Como a senhora se sentia diante dessas ações preconceituosas?
- A senhora é um ícone dessa comunidade quilombola. Como a senhora se sente ao ser entrevistada por tantos estudiosos da área afrodescendentes?